

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

SOCIAL EXPERIENCES OF HOMELESS WOMEN IN PORTO ALEGRE

Bruna Matos Iglesias¹
Guilherme Gomes Ferreira²

RESUMO

Esse texto pretendeu investigar os significados sociais que as mulheres atribuem sobre suas experiências com a rua. Está fundamentado no método dialético-crítico de base materialista-histórica e se apoia na história oral como técnica de coleta de dados. Foram entrevistadas quatro mulheres, sendo possível concluir que estar nessa situação envolve experiências particulares – de acessos ora mais precários e ora mais privilegiados em relação à rede socioassistencial; de violências e de significados sociais produzidos de forma específica sobre essa população – e experiências universais que atingem toda a população em situação de rua. Além disso, que a rua é um processo social contraditório e que apesar de envolver uma série de perdas, desigualdades e violências, também se estabelece através da resistência, celebração da vida, sonho e possibilidade de ter esperanças.

Palavras-chave: Gênero. Rua. Experiência Social. Materialismo Histórico.

ABSTRACT:

This text intended to investigate the social meanings that women attribute to their experiences with streetization. It is based on the dialectic-critical method of materialist-historical basis and is based on oral history as a data collection technique. Four women were interviewed, and it was possible to conclude that being in this situation involves particular experiences – sometimes more precarious and sometimes more privileged access to the social assistance network; violence and social meanings produced specifically about this population – and universal experiences that affect the entire homeless

¹Bacharel em Serviço Social pela UFRGS, atuou como educadora social no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para população em situação de rua da Associação Cultural e Beneficente Ilê Mulher. Atualmente é assistente social pela Prefeitura Municipal de Garopaba. E-mail: brunaiglesias96@gmail.com.

²Doutor em Serviço Social pelo Instituto Universitário de Lisboa e pela PUCRS. Atualmente é professor da UFRGS onde coordena o Centro de Referência em Direitos Humanos e o Grupo de Pesquisas em Justiça, Direitos Humanos e Segurança. E-mail: guilhermeferreira@ufrgs.br.

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

population. In addition, that streetization is a contradictory social process and that despite involving a series of losses, inequalities and violence, it is also established through resistance, celebration of life, dreams and the possibility of having hope.

Keywords: Gender. Realization. Social Experience. Historical Materialism.

1. INTRODUÇÃO

O interesse em investigar o tema aqui proposto guarda relação com a invisibilidade e a vulnerabilidade em que estão atualmente as mulheres em situação de rua no Brasil, bem como se justifica diante da lacuna de produção do conhecimento na área do Serviço Social sobre essa realidade social, já que a área não tem se dedicado com grande investimento a entender como as políticas públicas funcionam para este segmento populacional e quais as experiências sociais das mulheres com a rua. Por outro lado, quando tratamos somente da categoria *situação de rua*, observamos que a mesma cresce paulatinamente nas produções do Serviço Social, o que se deve ao fato do fenômeno da rualização também crescer nas últimas décadas como consequência das crises sistêmicas do capitalismo e da atual crise sanitária.

O processo de atualização reflete o agravamento das expressões da questão social em uma sociedade marcada pela desigualdade. As pessoas que experimentam esse processo colocam em evidência o caráter destrutivo do sistema capitalista que produz riqueza em consequência da produção de pobreza, sobretudo em países como o Brasil em que a desigualdade social é uma marca histórica que caracteriza as relações sociais em um contexto de dependência econômica. Ao mesmo tempo, tivemos como reflexo da pandemia da covid-19 o aumento do desemprego, da miséria, da fome e da rualização. Somente em 2020, a população em situação de rua aumentou 38% em Porto Alegre de acordo com a Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC); atualmente haveria ao menos 3.850 pessoas em situação de rua nesta cidade.

No entanto, não temos certeza sobre qual a porcentagem das mulheres dentro dessa população já que a categoria *gênero* é também pouco explorada em pesquisas que tematizam a rualização. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (BRASIL, 2016), em 2020, estimou

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 31, 2022.

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

que no Brasil existem 222 mil pessoas vivendo em situação de rua – um crescimento de 140% desde 2012 – porém, igualmente não trouxe dados *generificados* (quer dizer, que levassem o gênero em consideração) sobre a quantidade de homens e mulheres que estão na rua. A última pesquisa que trouxe esse recorte foi a do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) realizada em 2008, que estimou que as mulheres fazem parte de 18% da parcela daquelas pessoas que estão na rua, embora não haja informações do percentual de quantas dessas mulheres são travestis e transexuais (BRASIL, 2009).

Diante dessa quadra histórica é que se justifica a realização de uma pesquisa sobre as experiências sociais das mulheres em situação de rua, no intuito de dar visibilidade às histórias de vida e às experiências destas mulheres em seu cotidiano na rua. Optou-se por realizar uma investigação fundamentalmente qualitativa que se apoiasse tanto em análise documental e revisão bibliográfica quanto em entrevistas junto às mulheres, consubstanciando, assim, também em uma etapa empírica. A partir do método dialético-crítico de base materialista-histórica, partimos para a coleta desses dados empíricos tendo como referencial metodológico a história oral temática. Assim, através das narrativas das interlocutoras, se propôs entender a sequência histórica dessas narrativas, dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias.

Foram realizadas quatro entrevistas, com duração total de 40 minutos cada. As interlocutoras foram mulheres (cisgênero e transgênero) em situação de rua que acessam um serviço de convivência e fortalecimento de vínculos (SCFV) para população em situação de rua da cidade de Porto Alegre, selecionadas a partir dos seguintes critérios: i) ser mulher cis ou trans em situação de rua e acessar o SCFV; ii) ter mais de 18 anos e estar na situação de rua há mais de seis meses; iii) aceitar fazer parte da pesquisa através de consentimento livre e esclarecido. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade em que ela foi realizada. As entrevistas, gravadas em áudio, foram transcritas completamente e passaram pelo processo de análise de conteúdo proposto por Bardin (2016).

Para esse tratamento de dados, foi buscado no conteúdo aquilo que mais se repetia, a partir da retirada de extratos do texto que depois se transformaram em categorias intermediárias e categorias finais. Essa análise dos dados levou-nos à obtenção de 52

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

categorias intermediárias e sete categorias finais no processo de categorização, sendo estas últimas: trabalho; (des)proteção social; situação de rua; família; dependência química; violência; e gênero. O processo de categorização acabou sendo um desafio adicional ao sobreporem as categorias reveladas pelas entrevistas às narrativas qualitativas. Em outras palavras, observamos que essas categorias se relacionam de modo dialético, aparecendo por vezes de maneiras repetidas em temas diversos, o que resultou em dificuldades na condução do fio argumentativo que colocamos neste texto e que acabou sendo, justo por isso, apenas uma forma provisória de apresentá-lo.

Optamos, assim, por estruturar o presente artigo partindo do tema da *rualização*, levando em conta a historicidade do fenômeno da população em situação de rua que está relacionado com a expansão do sistema capitalista, entendendo que dentro dessa grande categoria se relacionam às categorias *trabalho* e aquelas que se referem às formas de *(des)proteção social*. O tópico a seguir trata do *gênero*, onde habitam também as categorias *família* e *dependência química*, ainda que estas se relacionem também com a rua e o trabalho e que aquelas primeiras se relacionem à gênero. Finalizaremos abordando a questão da *violência*, pois esta categoria parece funcionar, aqui, como mediadora entre a *rua* e o *gênero*, manifestando a relação entre contrários e sua própria pseudoconcreticidade já que também se manifesta pela resistência, pelo gozo e pela luta.

Por este ser um assunto de esfera social, é necessário o conhecimento prévio sobre toda a historicidade que este possui. Desta maneira, é preciso afirmar nossa opção teórica pelo método dialético, crítico e revolucionário de Marx para analisarmos o fenômeno para além da sua aparência e sob a ótica ontológica, a fim de nos colocarmos a observar o movimento dialético que constrói o objeto proposto. Este referencial teórico possibilita aproximações para a compreensão e explicação da realidade social, agregando as categorias teóricas historicidade, trabalho, contradição, totalidade e mediação. As categorias são apenas expressões teóricas do movimento histórico das relações de produção, portanto devem acompanhar o próprio movimento da realidade, expressando, como ensina Zacarias (2017), a sua transitoriedade.

2. A RUA: O PROCESSO DE RUALIZAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 31, 2022.

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

Refletir sobre as dinâmicas do capital e seus reflexos na população em situação de rua é fundamental para apreender as particularidades de gênero neste fenômeno, que foi o objeto deste estudo. A ideologia conservadora imbricada na nossa cultura mascara as bases reais do fenômeno da população em situação de rua, que está relacionado com a ascensão do sistema capitalista, sendo uma das expressões da questão social que se desenvolve a partir das contradições entre capital/trabalho no contexto de acumulação primitiva deste sistema. Na sociedade pré-industrial, muitos camponeses foram expulsos de suas terras, transformando os trabalhadores rurais em assalariados, de modo que a grande maioria passa a não ser absorvida pelo mercado de trabalho, o que acabou gerando um contingente de pessoas em situação de rua (OLIVEIRA, 2019).

Compreendemos, por isso, a população em situação de rua enquanto constituinte da classe trabalhadora. Embora esteja parcialmente fora do sistema de produção (e somente uma parcela está parcialmente fora, já que outra também produz e mesmo assim experimenta a ruralização), essa população participa igualmente do processo de reprodução da sociedade e contribui para a lógica desse sistema, já que o pauperismo e o exército de reserva são premissas do capitalismo é uma condição *sine qua non* para sua manutenção.

Nesses dezenove anos que trabalhei, às vezes eu ficava na rua. Eu não conseguia ir trabalhar porque já era de manhã e eu me dava conta que tinha que trabalhar e eu nem ia, porque sabia que iam me olhar com cara de nojo, e não iam deixar eu entrar, então eu ia ficando, ficando, e cada vez aumentava mais [a minha permanência na rua] (Maria³, em entrevista).

Nas sociedades europeias pré-capitalistas, ocorreu um forte movimento de desapropriação e expulsão de camponeses de suas terras, forçando-os a migrarem para os centros das cidades onde havia alta demanda de mão-de-obra devido à construção das primeiras indústrias. Este momento histórico de separação do camponês do seu meio de produção constituiu o que entendemos hoje como acumulação primitiva. (MARX, 2008). Este

³No processo de desidentificação foram eleitos nomes fictícios que não se relacionam em nada com os nomes reais das interlocutoras.

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

novo modelo de produção dependia de um trabalhador sem os meios possíveis de produzir, que estivesse disposto a vender a sua mão-de-obra à burguesia. Tal separação transformou os camponeses em assalariados que dependiam da venda de sua força de trabalho para manter sua sobrevivência. Aos que não se inseriram nesse meio de produção sobrou a miséria e a rua como forma de sobrevivência.

A população em situação de rua contemporaneamente está imersa na pauperização, é a população que vive em piores condições e, assim como assinala Castel (1997), está numa relação dialética e articulada aos dramas consequentes do desemprego, da perda de vínculos e de um processo de desfiliação. As pessoas que experimentam a realização expressam e se mantêm influenciadas pelas mesmas determinações geradas tanto pelo processo produtivo quanto pela desproteção do Estado. Esses fatores não devem ser vistos apenas de forma individual e sim como um processo coletivo e dialético. São múltiplas as determinações da realidade dessa população que estão estruturalmente vinculadas à sociedade capitalista e seu movimento histórico, político e econômico que está em constante transformação.

Em períodos de crises do sistema capitalista, onde é necessária a sua reestruturação produtiva, a classe trabalhadora sofre as determinações deste processo que se expressa tanto em trabalhos precários e em espaços com maior exploração da força de trabalho, quanto na redução de empregos que acaba gerando a exclusão de homens e mulheres do processo produtivo (TRINDADE, 2017).

Na época que tava trabalhando na fábrica, como tarefeira, o serviço começou a ficar fraco, porque começaram a exportar, e a tarefeira ficava com o peixe de segunda linha, aí enfraqueceu, trabalhando só nisso o dinheiro praticamente ficava só em moedas, e eu tinha muita dívida para pagar, perdi a minha casa (Gisele, em entrevista).

Eu comecei a trabalhar com quinze anos, meu primeiro emprego foi fritando batata frita no McDonald's [...]. Eu tô na rua há exatamente treze anos, entre idas e vindas, eu já tive umas oscilações de vida, já tive emprego, já casei, já tive casa e voltei pra rua de novo (Luciana, em entrevista).

Neste contexto atual de crise, acentuam-se as contradições deste sistema que geram inúmeras expressões da questão social, algumas já citadas, como o pauperismo, a precarização do trabalho, a violência, entre outros, o que impacta consequentemente na composição do

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

exército industrial de reserva, e logo, na população em situação de rua. Como visto, a falta de acesso ao trabalho ou a experiência em trabalhos precarizados e mal pagos se torna um dos elementos centrais para essa condição; a inserção no mercado de trabalho formal, por outro lado, torna-se essencial para que essas pessoas se sintam cidadãs de direito, pois, como dito anteriormente, no capitalismo, aqueles que não produzem e nem consomem são colocados à margem da sociedade. Dessa maneira, trabalho formal para essa população é sinônimo de inclusão na sociedade.

Eu estudava, trabalhei a vida toda desde os doze anos [...]. Até então eu estava bem, trabalhando, em Porto Alegre eu trabalhava com uma senhora, isso durou mais de vinte anos (Maria, em entrevista).

Não terminei os estudos, fiz até a quarta série, porque quando minha mãe não tinha possibilidade, eu trabalhava vendendo bala quando tinha sete anos, e daí não tinha possibilidade de estudar (Júlia, em entrevista).

Como observado, essas mulheres que estão agora em situação de rua têm um histórico de trabalho precário desde o início de suas vidas, muitas sem condições de terminar os estudos porque precisavam trabalhar para complementar a renda de suas famílias. No entanto, para o pensamento comum, a população em situação de rua é percebida de forma preconceituosa, sendo julgada como vagabunda, mendiga e louca, ainda que seja, na realidade, pessoas que trabalham para sobreviver. Segundo a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua realizada pelo MDS (BRASIL, 2009), somente 16% dessa população pede dinheiro para sobreviver, bem como 58,6% afirma ter uma profissão, ainda que informal. Como são trabalhos que frequentemente não resultam em direitos previdenciários e trabalhistas, essa população acaba experimentando um processo de desproteção social, restando-lhes ou políticas focalizadas e des-financiadas, ou a caridade de instituições religiosas.

A compreensão do processo de realização enquanto expressão mais trágica e aguda da questão social (BEHRING; BOSCHETTI, 2010) permite analisar a sociedade a partir das desigualdades geradas pelo sistema capitalista, no qual a socialização e a apropriação dos lucros é privada. Essa perspectiva crítica se contrapõe às análises de esvaziamento e naturalização deste fenômeno, entendendo que este é um processo estrutural decorrente das

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

dinâmicas sociais, se tornando a condição mais degradante do cenário urbano, pois reflete a mais brutal situação de pauperismo e descaso com o ser humano.

Pra mim ficar na rua é horrível, pra mim não dá, não dá porque eu não fui criada rica mas a gente nunca passou trabalho, nossa família, meu pai e minha mãe eram dois trabalhadores, então trabalho mesmo a gente nunca passou, foi uma família humilde, eram seis irmãos, agora tu ficar dormindo na rua, isso aí nunca, foi uma humilhação (Maria, em entrevista).

Vemos que as categorias pobreza, subalternidade e exclusão marcam de forma efetiva aqueles que estão nessa situação, atingidos e estigmatizados pelo moralismo da sociedade, que os desqualifica socialmente e os impede de estabelecer relações sociais. Além de terem seus direitos violados, são vítimas de diversas formas de preconceitos e violência que os tornam invisíveis nos centros das cidades, reforçando o isolamento e a criminalização da pobreza. Para Paugam (1999), os processos de humilhação, desvalorização e discriminação experimentados pelos segmentos mais empobrecidos conduzem a um estado de desqualificação social, impedindo o sujeito de desenvolver um sentimento de pertencimento a uma classe social e dificultando a sua organização política.

Tu vai perdendo a sua parte social, tu vai ficando muito antissocial, no caso, porque daí tu não consegue nem com a família se relacionar. Numa festa de família tu já pensa que tão te olhando com cara feia, tu vai sair e o vizinho te aponta e fala “olha ali aquela que fica no meio da rua”, então tu vai se afastando das pessoas, e essa é a verdade de quem mora na rua, se afasta do convívio social, se afasta por causa da vergonha, por causa do preconceito, que até os parentes também têm (Cristiane, em entrevista).

Eu nunca fiquei na rua, eu vim pra cá e fiquei dentro da instituição, mas a experiência que é viver, o sistema tenebroso que é a humilhação de ter que ficar na rua, a tristeza pra pessoa, abandonada, não poder entrar numa instituição [...]. Na instituição tem até quem lava minha roupa, na rua não tem ninguém pra defender a pessoa (Gisele, em entrevista).

O fenômeno da situação de rua se entrecruza com outras expressões da questão social. Por ser um processo de vários condicionantes, ele se expressa em desigualdade, pobreza, ausência de moradia, desemprego e violência para todos aqueles que se encontram na situação de rua. Ainda tendo isso em consideração, podemos afirmar que essas expressões da questão social são aprofundadas quando levamos em conta outras opressões estruturais do

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

capitalismo, ligadas a questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade. Quando realizamos uma leitura de gênero em relação aos processos de realização, podemos verificar que as fragilidades das mulheres em situação de rua são produzidas em termos de saúde mental, na desvalorização de si mesmas devido a subalternidade ligada a mulher em relação ao homem e na violência que sofrem neste espaço de rua (PRATES; ABREU; CEZIMBRA, 2004).

É importante ressaltar que a contradição existente na questão social não se evidencia somente nas desigualdades, pois é a partir do seu acirramento que verificamos contraditoriamente as possibilidades mais concretas de mobilizações e resistências que podem resultar em transformações sociais. As mobilizações realizadas pelo Movimento Nacional da População em Situação de Rua, por exemplo, mostram a importância da ocupação de espaços públicos, que mesmo que sejam o lugar de moradia ou sobrevivência dessa população, não são vistos como locais de seu pertencimento. Historicamente a questão social foi tratada como caso de polícia, e nos governos atuais isso tem sido incorporado novamente de maneira ainda mais forte.

3. O GÊNERO: INTERSECÇÕES NA EXPERIÊNCIA DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA

É a partir dos estudos sobre as relações de gênero que podemos aqui fazer análises mais aprofundadas sobre a realidade social das mulheres em situação de rua, das suas particularidades, dos seus desafios e possibilidades no processo da realização. Assim, entendemos que gênero, a partir de Veloso (2003, p. 53) “é um fenômeno histórico e social, em ampla articulação com o desenvolvimento e reprodução da sociedade, e deve ser tomado como categoria, pois expressa modos de ser”. O gênero estrutura toda a vida social e é um ponto de estabelecimento e manutenção da desigualdade e da diferença, tendo como exemplo a divisão sexual do trabalho, a separação da esfera pública e privada, a desvalorização do trabalho remunerado e não remunerado da mulher.

A relação entre sexo/gênero é caracterizada por uma relação hierárquica de poder. Essas hierarquias, exclusões e desigualdades que atingem as mulheres são justificadas numa

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

pretensa naturalização do conceito de gênero a partir de uma perspectiva essencialista em que as diferenças físicas, sexuais e biológicas são tratadas como naturais e imutáveis. Nessa perspectiva, a figura da mulher é construída enquanto submissa, frágil e passiva às diferentes formas de opressão. Entretanto, o gênero não se apresenta da mesma forma em todos os lugares e épocas, pois é uma construção social, e depende por isso de diferentes culturas e costumes de uma dada sociedade, variando conforme a política, a religião e as leis. Segundo Saffioti (2015), ser homem ou ser mulher para uma sociedade que tem o catolicismo como religião se diverge de ser homem ou ser mulher em uma sociedade muçulmana, por exemplo, o que significa que, fundamentalmente, dizer-se homem ou mulher passa também a ser uma decisão *social*.

Butler (2013), por outro lado, rejeita a distinção entre sexo e gênero produzida por uma parcela dos estudos de gênero, pois parte do ponto de vista de que essa distinção não contribui mais para uma noção progressista do tema já que a ideia de cultura presente nesse conceito passa a ser tratada como algo fixo e determinado, até mesmo natural, como foi e ainda é a ideia de sexo. Assim, do mesmo modo como não podemos pensar que o sexo seja natural e o gênero seja socialmente construído (pois o sexo também é construído culturalmente), essa construção social não é algo imutável, mas antes, parte do processo social e do ato histórico dos seres humanos. Além disso, se entendêssemos apenas o gênero enquanto construção cultural e mantivéssemos imaculada a noção do sexo como natureza, o sujeito permaneceria sendo a sua genitália como verdade última, ulterior e independente do desejo cultural do sujeito; em outras palavras, uma mulher que nasce com uma vagina possuiria *um gênero feminino*, e uma mulher que nasce com um pênis possuiria *uma identidade de gênero feminino*, quase como se “identidade” fosse sinônimo de sensação.

Ao realizar a pesquisa com mulheres em situação de rua, optamos por incluir não apenas as mulheres cisgênero (ou mulheres cis) – aquelas que foram designadas mulheres no nascimento – como também incluímos as mulheres transgênero (ou mulheres trans, também denominadas no Brasil pelas identidades mais específicas de travestis e transexuais). Essa decisão foi tomada não apenas por serem uma quantidade significativa nas ruas, mas pelo entendimento de que o seu gênero é parte do motivo por estarem nessa situação. Nosso

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

interesse aqui não é centrar o debate em teorias sobre o que é ser trans e o que é ser travesti, e sim entender o contexto de vida dessas mulheres a partir de suas falas; enquanto as produções acadêmicas focam, na maioria das vezes, em definir o que é identidade de gênero, elas mesmas (pela falta de democratização do conhecimento) não diferenciam, muitas vezes, o que é identidade de gênero e orientação sexual, demonstrando inclusive que a realização provoca necessidades mais imediatas antes de poderem refletir sobre suas existências:

Eu não sei o motivo pra minha família ter me abandonado, eu não sei, eu sempre fui independente e autossuficiente [...]. Talvez então não fosse pela minha orientação, porque minha família sempre me aceitou super bem. (Luciana, em entrevista).

Eu sofro preconceito todo santo dia, é onde eu for, é na rua, é no ônibus, é no mercado, é em tudo que é lugar, claro não em espaços que a gente tem mais convivência, mas o resto. Eu carrego dois preconceitos, um é da minha orientação e o outro é da minha cor (María, em entrevista),

Essas mulheres se identificam enquanto mulheres trans, utilizam nomes femininos, e, no entanto, ainda tratam o gênero como uma questão de orientação sexual. A falta de acesso à informação às impacta para além da sua construção de identidade, refletindo também no acesso a políticas públicas e a direitos, como a utilização do nome social:

Eu não dou meu nome social por causa da identidade, às vezes a gente chega nos lugares e não tem onde dar o nome social, eu achava que nome social a gente usava só se tivesse a documentação, porque daí como eu vou provar, da onde que existe esse nome? [...] Faz horas que eu procuro onde é que troca o nome para o social e ninguém me explica direito, só não mudei ainda porque não sei onde procurar (Maria, em entrevista).

É fácil perceber que uma parcela da sociedade em geral reproduz o senso comum, o preconceito e a discriminação – pensamentos e atitudes ligados à vida cotidiana (HELLER, 1970) que se relacionam a uma cultura propagada pela hegemonia dominante, aliada à falta de debates públicos capazes de resolver confusões a respeito do tema de gênero e sexualidade. A homossexualidade, por exemplo, historicamente é construída como um desvio na construção do gênero, de modo que temos o estereótipo da mulher "masculinizada" e do homem "afeminado" a partir dessa mistura que o pensamento comum elabora em relação às questões

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

de sexualidade, gênero e desejo. Mesmo a homossexualidade e a transexualidade por isso, ainda são pensadas a partir de uma matriz binária e patologizante

Dada sua característica de repetição no tempo, o ato performativo mantém sua operação para além do momento em que foi enunciado, abrindo caminho também para aqueles corpos que se diferenciam do modelo ideal e produzem outras identidades a partir de outras repetições de gestos e comportamentos. Assim, os sujeitos que dissidem da sexualidade heterossexual e da cisgeneridade, se identificando enquanto LGBTI+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexos e demais identidades sexuais e de gênero dissidentes) podem eventualmente escapar de uma série de regras impostas pelas normas de gênero/sexo e sexualidade (ainda que possam, também, mantê-las de modo completo ou precário), acabando por serem parcialmente excluídos da cultura dominante, pois são “desviantes” e uma ameaça à ordem vigente. Contraditoriamente, continuam sendo necessários para ela, pois é em relação ao “anormal” que se válida a norma e a condição ao seu funcionamento.

Eu morava com minha madrinha e a filha dela fazia balé, e eu era apaixonada por balé mais que ela, então, como eu gostava, minha madrinha me colocou no balé, imagina uma escola de balé no meio do interior, e eu o único homem da turma, tinha dias que eu chegava e minha sapatilha tava dentro do vaso, quer dizer, essa luta não é de hoje, é de anos (Maria, em entrevista).

Observamos que as duas mulheres transexuais que participaram da entrevista, ao tratarem sobre o tema da família, relataram memórias de aceitação e não trouxeram formas de preconceito na experiência familiar. Contraditoriamente, essas mulheres estão em situação de rua e sem apoio de familiares, ainda que em suas narrativas possa haver um certo idílio ou fantasia a respeito do papel que suas famílias cumpriam ou cumprem nas suas vidas. De acordo com a pesquisa realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) realizada em 2008, as mulheres cisgênero fazem parte de 18% da parcela daqueles que estão na rua, embora não haja informações do percentual de transexuais e travestis. Isso demonstra que essa parcela da população sofre ainda mais invisibilidade e vulnerabilidade, tanto por seu gênero quanto por estarem em situação de rua. A Associação Nacional de Travestis e

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

Transexuais (ANTRA), aponta que 90% das pessoas transexuais recorre à prostituição de rua ao menos em um momento da sua vida (BENEVIDES, 2022).

Tive que vir pra rua, tive que conhecer a prostituição, tive que conhecer a violência, e acabei ficando na rua, eu tinha 17 anos. E isso pra mim foi bem complicado, eu não tinha a vivência que eu tenho hoje, não tinha o conhecimento que eu tenho hoje, tanto que eu não dormia de noite, eu me prostituía de noite e dormia de dia (Luciana, em entrevista).

Meu pai sempre disse: “se tu quer ser isso daí, então termina o segundo grau, estuda e faz alguma coisa, pra tu amanhã ser alguém, porque tu vai passar muito trabalho”. Eu tive que me esforçar em dobro (Maria, em entrevista).

O processo de realização ocorre a partir de diversas condicionantes e são inúmeros os fatores que colocam as mulheres nessa situação: tanto fatores estruturais e objetivos quanto fatores individuais e subjetivos, uma vez que a própria experiência social é um conceito formado a partir dos modos de viver a vida e das condições sociais históricas para se viver, estas, que produzem efeitos também subjetivos (BENJAMIN, 1987). Assim, se nunca é apenas uma única determinação, mas múltiplas determinações, se torna necessária a mediação do singular e do universal. Pelos relatos das interlocutoras, duas delas trouxeram que um dos condicionantes para estarem em situação de rua é o uso abusivo de álcool e substâncias psicoativas, e as outras duas pelos conflitos com familiares; no entanto, os conflitos familiares estão presentes no relato de todas, ainda que, como dissemos, a família ainda seja um lugar pensado por elas como apenas de cuidado e proteção e jamais do abandono. Esses motivos apresentados se entrecruzam com as condições de classe dessas mulheres, que vimos anteriormente, possuem um histórico de vida de trabalho desde a infância, de trabalhos precários e desvalorizados, de falta de acesso aos estudos ou condições para seu término. Todos esses fatores culminaram no processo de realização, e por isso, não podemos descolar os elementos estruturais da nossa sociedade do processo de construção de subjetividades dessas mulheres.

Ao questionar as interlocutoras como era ser mulher e estar em situação de rua, o que mais apareceu em suas respostas de modo geral foi sobre estar vulnerável, sobre o sentimento constante de medo e insegurança, e o preconceito da sociedade, fazendo parte da sua

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

experiência cotidiana de estar na rua. À vista disso, levando em consideração as relações sociais de gênero, raça/etnia, classe e sexualidade como estruturantes do modo de produção e reprodução da vida social, percebe-se que as mulheres em situação de rua são um dos segmentos mais pauperizados e explorados dentro do sistema capitalista e que essas experiências de vulnerabilidade e violência são produzidas também a partir da articulação de diferentes marcadores sociais da desigualdade e da diferença.

Mês passado eu e meu companheiro fomos no mercado lá em Alvorada, onde eu moro, e meu companheiro ficou na porta, porque ele tava com a cadela dele. Eu fui sozinha pra dentro, mas minha máscara arrebentou e eu fui pegar a dele pra entrar no mercado. O porteiro do mercado se encantou tanto com meu companheiro que estava ali na frente, que ele achou que ele queria roubar, e meu companheiro então disse: “não, minha mulher tá lá dentro”, e o porteiro respondeu que ali não tinha nenhuma mulher. Aí meu companheiro já se incomodou, começou a gritar... resultado: lá na praça que pegamos comida de noite vai uma assistente social, e ela disse pra mim que eu tinha que registrar ocorrência, cheguei lá pra registrar e me disseram que não era ali e sim no LGBT não sei o que, então fica esse jogo, por isso que às vezes a gente não procura recurso, daí eu peguei e liguei pro 180 e aí foi a solução, perguntei quem é que vai reconhecer isso, porque a gente sofreu racismo e homofobia. (Maria, em entrevista).

Esse relato representa bem como ele se manifesta no cotidiano o preconceito e a violência experimentado por essa população e como diferentes marcadores sociais se interseccionam na produção de uma desigualdade especializada, onde uma simples ida no mercado pode significar uma violação de direito. Nessa cena, a entrevistada sofre com uma discriminação que não é transfobia, racismo e classismo separadamente, mas uma combinação em que o preconceito sobre seu gênero é racializado, sua identidade racial é gererificada, sua classe social é percebida através da sua raça e identidade de gênero etc. Sua presença e a do seu companheiro no mercado são colocadas em suspeita *no todo*, e não em partes. A narrativa também evidencia que embora ela seja um sujeito integral experimentando a violência, as políticas sociais têm a tendência de fragmentá-la, olhando para ela, nesse caso, em primeiro lugar como mulher trans, para pensar qual instituição poderia acolher sua demanda.

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

4. A VIOLÊNCIA COMO MEDIADORA E A RESISTÊNCIA COMO RESPOSTA: CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Como pudemos visualizar, a violência é uma categoria que funciona como mediadora entre a rua e o gênero, sendo um fenômeno quase que inerente à experiência da população em situação de rua independente da questão de gênero, no entanto, que se acentua e se especializa quando analisamos por esta perspectiva. A população em situação de rua é atingida pelo estigma e moralismo da sociedade. Além de terem seus direitos violados, são passíveis de diversas formas de violência, a partir do momento que o ideário social propaga ideias moralizadoras sobre essa parcela da população. Dessa maneira, pessoas em situação de rua são vistas como vagabundas, bandidas, loucas, sujas, mendigas, e são restritas de respeito, igualdade e dignidade. Isso é evidenciado no registro de 17.386 casos de violência em que a motivação principal foi a condição de situação de rua da vítima – dados de 2015-2017 divulgados pelo Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (BRASIL, 2019).

Apesar dos homens serem a maioria na rua, são as mulheres que sofrem mais violência dentre essa população: 50,8% das vítimas, segundo o boletim, eram do sexo feminino e, destas, 54,8% eram mulheres negras. As transexuais constituíram a população mais frequente entre as notificações de violência motivada pela situação de rua, possuindo 1,8% em 2017, sendo importante destacar que 33,6% deixaram o campo de identidade de gênero em branco. Assim, a violência contra as mulheres trans provavelmente seja muito maior do que a notificada.

A violência experimentada pela população em situação de rua é perpetrada em diversos âmbitos. Ela é prática entre as próprias pessoas que estão em situação de rua, pela disputa de poder e território, pelo tráfico, por desavenças pessoais e conflitos conjugais. De outro lado, temos violências causadas por pessoas preconceituosas com a situação dessa população, assim como as violências planejadas pelo Estado, de cunho higienista e punitivo, praticada em maior parte pelos policiais.

Eu estava dormindo ali embaixo do viaduto, e a polícia veio acordando todo mundo, a cacetada, com o caminhão do lixo recolhendo as coisas dos

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

moradores de rua de novo, sabe? Eles tratam as pessoas, a polícia principalmente, que devia proteger a gente, é o que mais agride a gente, são os que mais menosprezam a gente, como se a gente fosse menos, e não interessa pra eles se tu é mulher, se tu é homem, se tu é trans, se tu é travesti, se tu é idoso, eles tratam na mesma violência, é isso que me indigna muito mais, porque era pra proteger a gente, é o que mais agride, eram duas horas da manhã, e o pessoal da rua veio avisando a gente pra acordar se não a gente ia levar paulada que nem os outros, não interessa se é só essas roupas que tu tem, se é só esses documentos que tu tem dentro dessa bolsa, eles pegam e tocam no caminhão de lixo [...] daí desceu outra viatura e mandou a gente voltar, chamando a gente de mendigo, e assim eles ficam fazendo, isso é desumano (Luciana, em entrevista).

A sociedade brasileira, historicamente, legitima o uso da violência. Além das opressões serem uma forma de manter as relações desiguais no país, vemos constantemente, além da criminalização da pobreza, a naturalização do racismo, da violência de gênero, da violência contra pessoas LGBTI+ e outras minorias, que são considerados inferiores em relação ao padrão cis-hetero-centrado e branco da burguesia nacional. O Brasil, assim, assume a cultura da violência estrutural e simbólica, perpetrada por diferentes instituições, ao mesmo tempo em que, segundo Chauí (2012, p. 155), há no Brasil um mito poderoso, o da não violência, que oculta o autoritarismo social”. No estudo de Rosa e Brêtas (2015), realizado com mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, comprova-se que a violência aparece como uma temática inerente à experiência das mulheres. Os autores citam que para muitas mulheres a rua foi saída para se livrar da violência doméstica, no entanto, o que vemos é que mesmo tentando mudar essa realidade, o ciclo da violência acaba se perpetuando na rua.

A mulher quando tá sozinha é pior, até quando tá acompanhada é, imagina sozinha [...]. Eu sempre fico com um companheiro porque caso eu fique na rua eu não fico sozinha, mas dá muito trabalho esses companheiros da rua, de albergue, eles dão muito trabalho, porque eles são muito viciados em droga também, e te puxa né? Te carrega, e eu tô com esse aqui tem quase um ano, mas não dá certo, eu não gosto dele, eu tenho pavor dele, eu já tentei largar ele um milhão de vezes e ele não me larga, eu sofro, eu não tô contente com ele, ele não vale nada, eu tô com ele pela proteção (Júlia, em entrevista).

Vimos como a população em situação de rua é associada a diversos estigmas. Porém, as mulheres que estão nessa situação sofrem um estigma especializado, já que é como se

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

tivessem rompido com certas normas de gênero que lhe atribuem agora a noção de transgressoras da ordem social (por não cumprirem com a expectativa de pertencimento ao campo privado e ao cuidado da família). De acordo com Bezerra (2018), também o uso de álcool e drogas configuram um motivo fundamental para essas mulheres serem vistas de forma criminalizadora e qualificadas como sujas, feias e animais. Além disso, o corpo feminino é coisificado e apropriado pelos homens como se estes possuíssem autorização social para disporem dele (OLIVEIRA, 2019). Por essa razão, não é raro encontrar mulheres em situação de rua que acabam buscando proteção de um parceiro como uma estratégia de sobrevivência para escapar de violência de outros homens.

Já sofri violência física, psicológica e verbal, e isso me deixou muito magoada, muito confusa, mas me deu mais força e mais experiência pra ser o que eu sou hoje, pra ter as convicções que eu tenho hoje. Eu fiquei mais forte, hoje eu tenho um empoderamento que naquela época que eu caí na rua eu não tinha, talvez eu não soubesse dos meus direitos [...]. Eu já tive a experiência de acordar com um homem em cima de mim na rua, de sofrer violência sexual... antes eu morria de medo, eu não conhecia ninguém, então eu dormia sozinha em lugares isolados. (Luciana, em entrevista).

A população em situação de rua de maneira geral sofre as consequências cotidianas da violência e, como resposta a ela, resistem e se rebelam, encontrando estratégias de sobrevivência e condições de sonhar e projetar desejos.

Minha forma de resistir sempre foi fugir, foi a fuga. Me chamavam pra fazer festinha e eu respondia “não, essa noite não vou porque preciso fazer faxina amanhã”, então minha forma foi sempre a fuga. E quando eu via que tava muito enturmada com o pessoal da rua eu pegava e ia para os albergues, aí eu não ficava na rua, ficava nos albergues (Maria, em entrevista).

Meu sonho é ser cantora e compositora [...]. Eu tenho necessidade de aprender, é importante ter acesso a isso, fazer artesanato, música, cultura, sabendo fazer eu fico feliz com isso (Gisele, em entrevista).

Concluimos, assim, que ser mulher em situação de rua envolve experiências particulares – de acessos ora mais precários e ora mais, em certo sentido, privilegiados em relação aos serviços e programas da rede socioassistencial; de violências e de significados sociais produzidos de forma específica sobre essa população – e experiências universais que

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

atingem toda a população em situação de rua. Pudemos perceber, também, que a realização é um processo social é um fenômeno contraditório e que apesar de envolver necessariamente uma série de perdas, de injustiças, de desigualdades sociais e de violências, também se estabelece através da resistência, da insurgência, da celebração da vida, do sonho e da possibilidade de ter esperanças e projetos de futuro.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, B G. *Dossiê dos assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021*. Brasília: Distrito Drag / ANTRA, 2022.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2016.

BEHRING, E. R.; BOSCHETTI, I. *Política social: fundamentos e história*. São Paulo: Cortez, 2010.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. Obras escolhidas I.

BEZERRA, F. S. *"Nos bares, na lama, nos lares, na cama": uma análise ontológica da violência contra a mulher em situação de rua no Brasil contemporâneo*. 139f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Rua, aprendendo a contar: pesquisa nacional sobre a população em situação de rua*. Brasília: MDS, 2009.

BRASIL, Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. *Estimativa da população em situação de rua no Brasil*. Brasília: IPEA, 2016.

BRASIL, Ministério da Saúde. *População em situação de rua e violência – uma análise das notificações no Brasil de 2015 a 2017*. *Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde*, n. 14, v. 50, jun. 2019.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTEL, R. *As dinâmicas do processo de marginalização: da vulnerabilidade à desfiliação*. Salvador: Cadernos CRH, 1997.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 31, 2022.

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA EM PORTO ALEGRE

CHAUÍ, M. Democracia e sociedade autoritária. *Comunicação & Informação*, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 149-161, 2012.

HELLER, A. *Sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona: Edicions 62, 1970.

MARX, K. *O capital*. 3. ed. São Paulo: EDIPRO, 2008.

OLIVEIRA, I. N. V. Relações sociais de sexo, "raça"/etnia e classe: relações estruturantes na vida da população em situação de rua. *Anais do 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais*, v. 16, n. 1., 2019.

PAUGAM, S. O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. In: SAWAIA, B. (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 67-86.

PRATES, J. C.; ABREU, P. B.; CEZIMBRA, L. Mulheres em situação de rua. In: BULLA et al. (Orgs.). *As múltiplas formas de exclusão social*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2004.

ROSA, A. S.; BRÊTAS, A. C. P. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. *Interface*, Botucatu, v. 19, n. 53, p. 275-85, 2015.

SAFFIOTI, H. *Gênero, patriarcado e violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular / Fundação Perseu Abramo, 2015.

TRINDADE, H. Crise do capital, exército industrial de reserva e o precariado no Brasil contemporâneo. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 129, p. 225-244, maio/ago. 2017.

VELOSO, R. Relações de gênero: notas introdutórias. *Enfoques - Revista Eletrônica dos Alunos do PPGSA/IFCS/UFRJ*, v. 2. n. 1, p. 29-100, jul. 2003.

ZACARIAS, I. R. *A mediação da teoria e do método em Marx na formação profissional em Serviço Social*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2017.